



## O enunciado verbovocovisual “Guerra do Rio”, do *Jornal Extra*: o signo ideológico “Guerra” em estudo

### *The Verbivocobisual Utterance “Guerra do Rio”, of the Jornal Extra: the Ideological sign “War” in Study*

Grenissa Bonvino Stafuzza

Universidade Federal de Goiás, Catalão, Goiás / Brasil

grenissa@gmail.com

Giovanna Diniz dos Santos

Universidade Federal de Goiás, Catalão, Goiás / Brasil

dsgiovanna@gmail.com

**Resumo:** Aborda-se no presente estudo algumas contribuições teóricas do Círculo de Bakhtin para a análise de enunciados verbovocovisuais, uma vez que o discurso tomado como objeto de análise se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais em um todo arquitetônico que significa. Sob essa perspectiva, analisa-se o enunciado “Guerra do Rio” que constitui a editoria do *Jornal Extra* lançada em 2017, composto por três materialidades – i) o vídeo intitulado “Isso não é normal”, publicado no site do *Jornal Extra*; ii) o editorial e; iii) a capa do *Jornal Extra* –, considerando os sentidos que emanam do signo ideológico *guerra* na construção do discurso jornalístico sensacionalista do jornal em questão.

**Palavras-chave:** Círculo de Bakhtin; enunciado verbovocovisual; discurso jornalístico sensacionalista; *Jornal Extra*.

**Abstract:** This study addresses some theoretical contributions of the Bakhtin Circle for the analysis of verbivocovisual utterances, since the discourse taken as object of analysis is constituted and put into practice by verbal, vocal and visual elements in an architectonic whole which means. From this perspective, we analyzed the utterance “Guerra do Rio”, which constitutes the editorial of the newspaper *Extra* launched in 2017, composed of three materialities – i) the video entitled “Isso não é normal”, published in the website of the *Extra*; ii) the editorial e; iii) the cover of *Jornal Extra* –, considering the senses

that emanate from the ideological sign *war* in sensationalist journalistic discourse of the newspaper in question.

**Keywords:** Bakhtin Circle; verbivocovisual utterance; sensationalist journalistic discourse; *Jornal Extra*.

Recebido em 15 de fevereiro de 2018

Aceito em 18 de abril de 2018

## 1 Introdução

A cidade do Rio de Janeiro é presença constante em noticiários. Configurada em um mosaico de imagens que evocam o carnaval, as praias e o samba, a cidade também é imersa por discursos contraditórios que tentam caracterizá-la como um espaço repleto de tensões, o que faz com que a cidade seja compreendida no imaginário popular como um lugar violento,<sup>1</sup> dominado pelo crime e pelas favelas<sup>2</sup> ou comunidades.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre isso, ver a matéria do *Jornal GGN*. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/noticia/o-preconceito-contra-a-favela>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

<sup>2</sup> O discurso do senso comum fundamentado na visão hegemônica sócio-econômico-cultural pensa a favela como um espaço violento, de extrema pobreza, marginalizado e desprovido de infraestrutura, um lugar em que se opera o tráfico no Brasil, sendo, portanto, berço de criminosos. De acordo com o *Observatório de Favelas do Rio de Janeiro* (criado em 2001 por pesquisadores e profissionais oriundos de espaços populares, sendo composto atualmente por trabalhadores de diferentes espaços da cidade, o *Observatório* é desde 2003 uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP). Com sede na Maré, no Rio de Janeiro, sua atuação é nacional): “(...) as favelas constituem moradas singulares no conjunto da cidade, compondo o tecido urbano, estando, portanto, integrado a este, sendo, todavia, tipos de ocupação que não seguem aqueles padrões hegemônicos que o Estado e o mercado definem como sendo o modelo de ocupação e uso do solo nas cidades. Estes modelos, em geral, são referenciados em teorias urbanísticas e pressupostos culturais vinculados a determinadas classes e grupos sociais hegemônicos que consagram o que é um ambiente saudável, agradável e adequado às funções que uma cidade deve exercer no âmbito do modelo civilizatório em curso”. (Disponível em: <<http://oqueefavelaafinal.blogspot.com.br/2009/08/o-que-e-favela-afinal.html>>. Acesso em: 18 fev. de 2018). Link para acesso ao site do Observatório: <http://observatoriodefavelas.org.br/>

<sup>3</sup> Birman (2008, p. 106), em seu texto “Favela é comunidade?”, trabalha como a concepção de comunidade é usada por determinados grupos e se relaciona com a identidade dos

Dentro dessa dinâmica, o discurso jornalístico trabalha constantemente na cobertura e na divulgação da violência, geralmente dedicando um espaço exclusivo às notícias que se relacionam com a temática, como é o caso do *Jornal Extra*, com a sua editoria “Casos de Polícia”.

Em 16 de agosto de 2017, o *Jornal Extra* publicou um editorial e uma reportagem de capa para divulgar a escolha em relação a uma nova nomenclatura para essa mesma editoria. A partir daquela data, as notícias de violência seriam alocadas na editoria “Guerra do Rio”. Essa escolha foi justificada no texto do editorial e em um vídeo publicado no site do *Jornal Extra* intitulado “Isso não é normal”, contendo depoimentos do diretor de redação, Octavio Guedes, e do repórter Rafael Soares, responsável pela reportagem de capa.<sup>4</sup> Além disso, a divulgação de um “dossiê secreto do estado” revelando o domínio de 843 territórios pelo crime organizado apareceria com destaque na capa do jornal impresso, mostrando um discurso institucional revelado como “furo”, como novidade.

O presente estudo fundamenta-se na perspectiva dialógica da linguagem sob o viés das reflexões teóricas do Círculo de Bakhtin, considerando a construção do enunciado verbovocovisual a partir do diálogo entre as três materialidades discursivas – o editorial “Guerra no Rio”, sua capa e o vídeo divulgado no site do *Jornal Extra*. Sob essa perspectiva, o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de uma determinada esfera da atividade humana de utilização da língua: não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua como os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, por sua construção composicional.

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 261-262)

---

moradores: “Empregado pela mídia, pelo governo, pelas associações locais, pelas ONGs, o termo comunidade muitas vezes explicita a dificuldade dessa operação de levar em conta o que pensam os que se veem nomeados de uma forma negativa”.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/guerra-do-rio/isso-nao-normal-21711104.html>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

O enunciado “Guerra do Rio” reflete e refrata discursos socialmente inscritos como o jornalístico, o midiático, o sensacionalista, uma vez que seu conteúdo temático (o recorte que se opera em relação ao gênero), seu estilo (midiático, próprio da autoria do *Jornal Extra*) e construção composicional (vídeo, editoria, capa; relato jornalístico com tom de denúncia e de “furo de reportagem”; presença do verbal, do vocal e do visual) fundamentam os sentidos que emanam do enunciado “Guerra do Rio”, ao enunciar sobre uma guerra em curso no Rio de Janeiro, não reconhecida pelo governo. Logo, tanto em sua editoria, quanto na capa de “Guerra do Rio”, o *Jornal Extra* estabelece o que seriam crimes “que ocorrem em qualquer metrópole do mundo: homicídios, latrocínios, crimes sexuais...” e o que seriam crimes “que só vemos no Rio” e “que foge ao padrão da normalidade civilizatória”. Ao sugerir que crimes como homicídios, latrocínios e crimes sexuais são crimes recorrentes e, portanto, que obedecem a uma normalidade civil, o jornal cria uma expectativa de espetacularização dos crimes que pretende relatar em sua editoria “de guerra”.

O objeto de estudo da nossa pesquisa, o *Jornal Extra*, é um veículo popular, que atende o estado do Rio de Janeiro e é considerado um dos jornais populares mais lidos do país.<sup>5</sup> Para entender o funcionamento desse tipo de jornalismo e suas características, destaca-se Prevedello (2008) quando define os novos jornais surgidos no Brasil nos anos 90 de acordo com seu público e estilo de linguagem e diagramação da seguinte maneira:

Destinados prioritariamente aos públicos das classes B, C e D, [...] os novos jornais apresentam maior voltagem de cor na diagramação, textos sintéticos, várias seções de prestação de serviços e uma mescla entre temáticas de entretenimento, casos policiais e a redução, quando não exclusão, das tradicionais editoriais de Política e Economia.

Recursos clássicos do sensacionalismo, como a prevalência de fotos aos textos, de letras em fonte maior e de diagramação carregada em cor e com elementos para facilitar a leitura, permanecem válidos no novo jornalismo popular (PREVEDELLO, 2008, p. 27-28).

---

<sup>5</sup> Esses dados foram retirados do site da *Infoglobo*, grupo a que pertence, entre outros veículos, o *Jornal O Globo*, o *Jornal Extra*. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=92>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

Dessa forma, analisa-se o *Jornal Extra* dentro dessa categoria de jornalismo sensacionalista e sua relação com os sentidos evocados no tratamento dado às notícias. O editorial divulgado no site do jornal, por exemplo, dá maior destaque ao vídeo do que ao texto; a capa do jornal que divulga a escolha do nome da editoria usa como ilustração da capa “É guerra” escrito em letras garrafais, no meio do título “Dossiê secreto do estado revela” e “Rio já perdeu 843 áreas para o crime”. Mais adiante, analisa-se também a relação entre essas escolhas e os enunciados que, entre si, revelam sentidos e provocam o leitor em relação ao tema tratado.

## 2 O signo ideológico “guerra” no enunciado verbovocovisual “Guerra do Rio”

O termo “verbovocovisual” tem sua origem na literatura de James Joyce, em *Finnegans Wake* (“verbivocovisual”<sup>6</sup>), tendo sido apropriado pela poesia concreta nos anos 50 do século XX por Décio Pignatari e os irmãos Campos. Conforme o próprio Augusto de Campos:

Junto com a música popular brasileira, ouvimos, no início dos anos 1950, Webern, Schönberg, Berg, Cage e Varèse. Billie Holiday, Dizzy Gillespie e Miles Davis. Quando João Gilberto chegou, em 1959, foi logo entendido. Era o Webern cool da canção brasileira. Essa informação musical foi fundamental para uma poesia que se pretendeu, desde o início, “verbivocovisual”, expressão que extraímos do *Finnegans Wake*, de Joyce. Embora a sua face mais chamativa fosse a visual, a verdade é que a poesia concreta brasileira formou-se sob a influência da música, e foi “cantofalada”, antes de ser exposta, entrequadros, na exposição do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em dezembro de 1956.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> No original: “Up to this curkscrew bind an admirable verbivocovisual presentment of the worldrenowned Caerholme Event has been being given by The Irish Race and World”. (JOYCE, 1975, p. 458).

<sup>7</sup> Esse excerto é parte do texto que marca a divulgação do evento “Poemúsica”, idealizado pelo poeta brasileiro Eucanaã Ferraz e realizado pelo Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, em 30 de março de 2010, contendo textos do poeta Augusto de Campos, do músico Cid Campos e também uma entrevista com a compositora e cantora Adriana Calcanhoto. Disponível em: <<http://www.adrianacalcanhoto.com/poemusica/index.html>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

Ao extrair o “verbivocovisual” da literatura joyciana, a poesia concreta ganha consciência do movimento de linguagem que se desenvolve nas esferas verbal, vocal e visual tanto na literatura, na recepção crítica e teórica, como nas performances dos poetas, músicos e artistas que dela participavam. Pignatari (2005, p. 21), ao explicar a noção de ritmo, entende que “é um ícone que resulta da divisão e distribuição no tempo e no espaço – ou no tempo-espaço – de elementos ou eventos verbocovisuais (= verbais, vocais, visuais)”. Nesse caso, pode-se pensar a verbocovisualidade como abordagem de análise da poesia que surge a partir de um profícuo debate teórico e experimental entre poetas, músicos, artistas e estudiosos dos campos da música e da literatura. Nos estudos de análise de discursos de corrente bakhtiniana, que nos interessa aqui, apesar de Bakhtin e seu círculo não tratarem de “verbocovisualidade”, nem de “discursos verbocovisuais” em termos, seus escritos trazem importantes contribuições para se entender o “verbocovisual” como um procedimento de análise discursiva, uma vez que o discurso tomado como objeto de análise se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais, sendo a obra do Círculo suporte para análises.

Ao pensar a verbocovisualidade como um procedimento de análise discursiva, considera-se de antemão que a expressão verbocovisual denomina o todo arquitetônico do discurso midiático “Guerra do Rio”, editoria do *Jornal Extra*, que se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais em dialogicidade. Torna-se lícito esclarecer que Bakhtin pensou a arquitetônica a partir do estudo da obra literária. O todo arquitetônico diz respeito à construção de uma obra entendida como interação entre material, forma e conteúdo. O “todo” relaciona-se com o acabamento que se opera a partir do excedente de visão como elemento constitutivo fundamental dessa interação, bem como da atividade autoral. De acordo com Bakhtin ([1979]2011), a arquitetônica da visão artística é a responsável pela organização do espaço-tempo-sentido, bem como a concepção da obra como objeto estético. Aqui, ao estudar o discurso jornalístico sensacionalista do *Jornal Extra*, apropria-se da noção de arquitetônica pensada por Bakhtin para os estudos literários por se compreender sua potencialidade teórica também para o estudo de outros discursos como o jornalístico-midiático, representado pelo *Jornal Extra*, a partir de sua arquitetônica, ou seja, da

criação do todo integrado – editorial, vídeo e capa da editoria “Guerra do Rio”<sup>8</sup> – que significa.

Volochínov (2013), ao descrever como a palavra possui, em seu uso, memória histórica da posição de classe dos falantes e de determinada visão de classe, afirma que:

[...] todo discurso é *dialógico*, dirigido a outra pessoa, à sua *compreensão* e à sua efetiva *resposta* potencial. Essa orientação a um outro, a um ouvinte, pressupõe inevitavelmente que se tenha em conta a correlação *sócio-hierárquica* entre ambos os interlocutores [grifos do autor]. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 168.)

Ao tomar a linguagem como uma atividade humana multifacetada e mediadora da relação do sujeito com a sociedade e a história, que tem com os signos uma relação de devir, compreende-se que a natureza dialógica da linguagem configura os próprios sentidos sógnicos, uma vez que o sujeito fala sob determinados signos, calcados no princípio de que os sentidos na linguagem são moventes, apesar de sua relativa estabilidade. A palavra organiza os sentidos no discurso como, por exemplo, a esfera jornalística que se apresenta sob a forma de instituições distintas e especializadas como, por exemplo, a imprensa, que determina conhecimentos e práticas, assim como os posicionamentos que o sujeito jornalista deve tomar para falar a partir desse lugar.

Observa-se, sobretudo, que a concepção dialógica da linguagem, concepção nodal de Bakhtin e do Círculo, confere à expressão enunciativa um caráter social e ideológico que, determinada pelo meio externo, estrutura e orienta a atividade mental do sujeito. Isso significa dizer que o entendimento dos signos presentes no mundo se instaura a partir de uma situação social imediata, bem como o meio social mais amplo no processo de materialização e realização da linguagem, no processo de *interação discursiva* que é, sobretudo, um processo social.

De acordo com Volóchinov (2017, p. 95, grifo do autor),

---

<sup>8</sup> O texto do editorial que se encontra publicado no site logo abaixo da publicação do vídeo e o texto da capa são o mesmo texto. No entanto, investiga-se também a capa para pensar os destaques dados pelo *Jornal Extra* para a editoria “Guerra do Rio”.

(...) a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. (...)

Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social.

A palavra – em sua função interlocutiva – dirige-se a um interlocutor e varia dependendo do grupo social a que se destina (se for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos etc.). Nesse sentido, o entendimento dos signos, que perpassam e constituem a palavra no ato de interlocução, depende também da sociabilização desses signos. Compreende-se que o centro organizador e formador da compreensão dos signos não se situa na consciência individual, mas no exterior, sendo, portanto, de caráter social: não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação, que elabora o pensamento.

Ao teorizar sobre a interação discursiva, uma vez que consciência individual e meio social revelam processos interdependentes de significar o mundo, de dar sentido à vida, de acionar sentidos para a ação dos signos no mundo, Volóchinov (2017) aponta que não existe atividade mental sem o condicionante social; eis que o grau de consciência, de clareza, de acabamento formal da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social. Se a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente a estrutura da enunciação, aborda-se aqui a relação “interior” (consciência individual) e “exterior” (meio social) de maneira dialogada, e não da primazia de um sobre o outro. Além disso, a perspectiva bakhtiniana observa a importância de olhar para um sistema de signos com os olhos de outro sistema de signos, a exemplo do estudo sobre as origens da estética de *Rabelais* (Ver BAKHTIN, 2010) que ilustra a relação de transposição entre os signos não-verbais do carnaval para os signos verbais da literatura carnavalesca.

Se os signos nascem no território interindividual, ou seja, na interação entre consciências individuais, constituem um fenômeno,

sobretudo, do mundo exterior. Cada campo do conhecimento – científico, artístico, político, religioso, jornalístico etc. – possui uma função específica dentro da unidade da vida social, no entanto, é o caráter semiótico, a forma como significam na vida social, que torna os signos ideológicos transitáveis e mutáveis entre as esferas (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1976, p. 20). O signo “guerra” ao mesmo tempo em que participa da esfera política, por exemplo, não se restringe à ela, podendo ser acionado em outras esferas, como a médica, a econômica, a midiática, a jornalística, a jurídica,<sup>9</sup> etc., configurando a sua função ideológica de significar socialmente.

De acordo com Sobral e Giacomelli (2017, p. 230),

Na formulação bakhtiniana, o produto ideológico é a um só tempo parte de uma realidade, natural ou social, e reflexo e refração de outra realidade que lhe é exterior. (...) A ideologia não está na consciência, porque, como a compreensão só ocorre tendo por objeto um material semiótico e como a direção do signo sempre o faz remeter a outro signo, a própria consciência só surge e constitui um fato possível na concretude material dos signos (...).

Entende-se por esse viés que os signos fazem sentido a depender dos próprios sentidos que foram construídos sócio-culturalmente sobre esses signos. Ainda, pensa-se em quais conjunturas sociais acontecem determinadas interferências que fazem com que os sentidos cristalizados de determinados signos se transformem (ou se desestabilizem). O interlocutor, real e determinado socialmente, por sua vez, encontra-se como sujeito desse processo interativo denominado interação discursiva: o sujeito engloba em sua atividade mental não apenas a consciência interior por meio da expressão enunciativa de signos, mas ratifica a inter-relação entre a evolução social e a linguística, tendo em vista que uma outra forma de relação social requer uma outra forma de interação discursiva, o que repercute mudanças na língua. Assim, pode-se verificar, no horizonte social dialógico, a base da atividade mental do interlocutor:

---

<sup>9</sup> Dentro dessas esferas, há diversos sentidos que emanam do signo guerra, dependendo da sua função ideológica. Na esfera jurídica, por exemplo, distante dos processos e julgamentos de crimes de guerra arrolados pelo corpo jurídico, o signo *guerra* pode significar, por exemplo, disputas conjugais em separações litigiosas (“Ex-cônjuges estão em guerra no tribunal”) por partilhas de bens, entre outros, caracterizando a função semiótica do signo na linguagem, que é intrinsecamente vinculada ao social, portanto, ideológica.

a consciência individual é construída coletivamente, pois se estrutura na e pela interação entre sujeitos, em um determinado meio social e ideológico.

Medviédev (2012, p. 56), ao abordar uma série de problemas fundamentais da ciência marxista das ideologias, afirma que

O homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de ‘objetos-signo’ dos mais diversos tipos e categorias: de palavras realizadas nas suas mais diversas formas, pronunciadas, escritas e outras; de afirmações científicas; de símbolos e crenças religiosas; de obras de arte, e assim por diante.

O pensador denomina de *meio ideológico* tudo isso que constitui a realidade material e imaterial que envolve a vivência e a experiência humana no mundo social. De modo mais assertivo, “o meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 56). Sob essa perspectiva, compreende-se que uma consciência individual se torna consciência social quando colocada em interação com o meio ideológico que reflete e refrata as condições de existência socioeconômica e natural dos sujeitos.

Sendo a palavra o signo ideológico *par excellence*, aborda-se, no presente estudo, a palavra *guerra*, deslocada da esfera política ou de conflito, dentro da esfera jornalística, midiática, de caráter sensacionalista. O signo ideológico *guerra* reflete e refrata outros sentidos quando se analisa o enunciado verbocovisual em destaque composto pelo editorial “Guerra do Rio”, o vídeo de divulgação da editoria intitulado no site de “Isso não é normal” e a capa do *Jornal Extra*. Entende-se que os sentidos evocados pela palavra *guerra* extrapolam uma normalidade colocada como convencional para a sociedade; portanto, *guerra* aparece sumariamente vinculada a crimes surpreendentes, chocantes, aterrorizantes que se distanciam de “crimes comuns, normais”, como aqueles citados pelo jornal (“homicídios, latrocínios, crimes sexuais”). Esses sentidos possíveis para *guerra* podem ser compreendidos através dos diálogos que o jornal estabelece entre as três materialidades que compõem o enunciado verbocovisual “Guerra do Rio”.

### 3 Mídia em tempos de “guerra”

A mídia trabalha com a opinião pública de modo a defender seus interesses comerciais e/ou políticos, que estejam alinhados ao editorial do veículo. Dessa forma, a mediação da realidade pela notícia obedece a estruturas fixas de agendamento e escolha das pautas abordadas. A *mass media* (termo utilizado para definir os veículos de comunicação que atingem um grande público) utiliza da linguagem jornalística para alcançar esse público e despertar nele condutas em relação à realidade que ele está inserido.

Durante o período que sucedeu o ataque às torres gêmeas em Nova Iorque, a mídia teve participação efetiva no debate sobre terrorismo e a “guerra ao terror” empreendida pelo ex-presidente americano George Bush. Os efeitos da veiculação massiva de imagens do atentado, das torres, dos feridos e mortos causou efeito devastador na opinião pública, o que levou os americanos a apoiarem as medidas tomadas pelo ex-presidente em relação à busca por Osama Bin Laden e invasão do Iraque (REZENDE, 2013).

A mídia desempenha um papel importante na divulgação dos fatos de guerra. Essa função está diretamente ligada aos interesses do Estado em manter o consenso da população civil para garantir o apoio e causar comoção pública (ALDÉ, 2003). Durante a segunda guerra mundial, os meios de comunicação de massa – rádio e jornal impresso, naquela época – foram responsáveis pela constante divulgação dos esforços de guerra, perdas, baixas e de propaganda dos interesses de cada país envolvido no conflito.

Hoje, com o desenvolvimento das mídias televisiva e digital, as informações circulam em ritmo ainda mais acelerado, mas o crescimento desses suportes também trouxe pluralidade de discursos e veículos de linhas editoriais divergentes. Durante a Guerra ao Iraque, apesar dos efeitos causados na opinião pública, que tornaram possível a realização da Guerra, a existência de diversas opiniões foi mobilizada, de acordo com Aldé (2003, p. 2) por “uma imprensa polarizada e atenta, pressionada por novos emissores, como as redes árabes de televisão, e pela comunicação dinâmica e descentralizada da Internet.”

Durante um conflito, seja ele internacional entre dois países, ou nacional numa guerra civil, por exemplo, os enquadramentos feitos pela mídia irão obedecer às versões oficiais do fato, divulgadas por

agências estatais de notícias ou por fontes ligadas ao Estado. Esses enquadramentos, segundo Aldé (2003) podem ser de diversas ordens, em especial, destaca-se os enquadramentos militar e humanista, que abordam as estratégicas de guerra e seus efeitos sobre as populações envolvidas nos conflitos, respectivamente. Os dois tipos trabalham com a carga dramática e a comoção do público frente à guerra, surtindo efeito no posicionamento da opinião pública em relação às ações do governo.

No vídeo de divulgação da editoria “Guerra do Rio”, Octavio Guedes, diretor de redação, inicia o vídeo lendo em sua tela de computador os significados que aparecem no dicionário<sup>10</sup> para a palavra “guerra” ao mesmo tempo em que tece comentários sobre esses significados em relação ao interesse da editoria ao adotá-la como título da editoria e sua temática:

Olha, a definição clássica de guerra aqui no dicionário: “luta armada entre nações”, não é o caso. “Ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos”. Criar uma editoria de guerra depois de 30 anos convivendo com jornais do Rio de Janeiro e dar enfoque à polícia é uma sensação de derrota. Então, você chegar nesse estágio e dizer assim “olha, eu tenho uma editoria de guerra”, não é orgulho nenhum, é um fracasso. Aliás, o Extra deve ser o único jornal do planeta que tem uma editoria de guerra, num país que não reconhece a guerra. (00min00s-00min55s)

Ao pensar sobre o signo ideológico no funcionamento do discurso jornalístico sensacionalista do *Jornal Extra* em estudo, observa-se como em momentos de conflitos sociais, a definição de *guerra* pode funcionar na voz da mídia. Ao trazer os significados do dicionário de *guerra*, o diretor de redação tece um comentário que desaprova o primeiro significado de “luta armada entre nações” como significado de representação da editoria “Guerra do Rio” do *Jornal Extra*. “Não é o caso” (00min05s), afirma Octavio Guedes de modo a situar os possíveis significados de “guerra” que poderiam configurar no editorial em divulgação. Há, sobretudo,

<sup>10</sup> Os significados de *guerra* advindos da leitura em tela de computador, realizada pelo diretor de redação, encontram-se facilmente por meio de uma rápida pesquisa no *Google*, ao digitar na busca “o que é guerra”. Trata-se do dicionário do *Google*, uma ferramenta informal que a plataforma disponibiliza para os usuários.

uma preocupação em responder ao enunciado sobre a possibilidade de significados que o dicionário permite aos usuários da língua em relação à palavra *guerra*, de modo a enunciar qual seria o significado mais adequado ou expressivo para a configuração da editoria colocada em divulgação.

No entanto, na continuidade da leitura digital dos significados, o diretor de redação não se posiciona verbalmente quando conclui a leitura dos próximos significados: “Ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos” (00min07s-00min17s). De modo que esse silêncio acompanhado de um rememorar histórico da sua profissão de jornalista no Rio de Janeiro há 30 anos faz emergir sentidos que sugerem uma situação dramática vivenciada pelo sujeito: a criação de um editorial de guerra que dá “ênfase à polícia”, para o jornalista, significa “derrota”, “fracasso”, não sendo “orgulho nenhum”. Nesse sentido, esse segundo significado lido pelo jornalista pode configurar uma possibilidade de significar a editoria “Guerra do Rio” em divulgação no enunciado: trata-se de uma guerra em que a polícia é protagonista.

A situação dramática amplia-se e efetiva-se com outros elementos que constituem o todo arquitetônico enunciativo do projeto de dizer do *Jornal Extra* como, por exemplo, a música clássica de fundo do vídeo. Trata-se da peça “Sarabande” que compõe a suíte para violoncelo N°2 em ré menor de Bach:<sup>11</sup> quando o compositor quer dar um caráter mais triste ou melancólico a uma música, recorre às tonalidades menores. Logo, encontra-se em diálogo a sonoridade musical de uma suíte clássica de Bach ao significado que o *Jornal Extra* constrói sobre guerra: o signo ideológico guerra ao mesmo tempo em que reflete a tristeza da suíte clássica em ré menor conjuntamente à entonação angustiante de denúncia do jornalista, refrata essa mesma tristeza ao autoproclamar um ineditismo jornalístico que coloca o *Jornal Extra* em uma posição de vanguarda editorial ao dar ênfase à guerra, pois “(...) o Extra deve ser o único jornal do planeta que tem uma editoria de guerra, num país que não reconhece a guerra”. (grifos nossos).

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ycF8OtRjYIE>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a tristeza se apresenta marcada pela música clássica, pela entonação angustiante de depoimento de quem sente a “derrota”, o “fracasso” e não tem “orgulho nenhum” na profissão de jornalista que assina uma editoria de guerra, emerge a contradição, pois, ao se dar voz a uma editoria de guerra, o *Jornal Extra* afirma-se no campo jornalístico e midiático como um jornal original que se coloca como pioneiro na elaboração de um editorial de guerra no Brasil, quando nem o próprio país “reconhece a guerra”. Assim, o *Jornal Extra* se coloca como um jornal que utiliza de seu espaço editorial para denunciar a omissão do Estado em não admitir uma guerra vigente no país, de modo a se colocar como porta-voz institucional dessa guerra que tem a polícia como foco no Rio de Janeiro.

Ao concluir a leitura dos significados de *guerra* no computador e estabelecer esse diálogo entre os significados possíveis de representar a editoria do *Jornal Extra* e – ao som sorumbático da suíte em ré menor de Bach – sua experiência profissional, a cena em questão conclui-se com elementos sonoros e imagéticos que também fazem coro com a tonalidade dramática da editoria e constituem o enunciado verbovocovisual: ouve-se tiros de metralhadora, bombas, a voz de uma jornalista noticiando a violência sobreposta a voz de um jornalista noticiando crimes praticados por traficantes, sirenes de carros de polícia, tiros de revólver e helicóptero em sobrevoo ao mesmo tempo em que imagens de várias edições do *Jornal Extra* aparecem retroprojetadas em flashes e o enunciado “É GUERRA” na cor branca com o fundo escuro, riscado na parte inferior, fixa-se no centro do vídeo.

Entendendo a linguagem como fenômeno sócio histórico, que se modifica no movimento das trocas entre os falantes de determinada língua, na interação discursiva, ao mesmo tempo em que acompanha as mudanças da vida social, pode-se abranger os variados sentidos que o signo ideológico pode remeter em determinado contexto, como é o caso do signo “guerra” utilizado pelo *Jornal Extra*: não se trata de uma guerra institucionalizada pelo estado, mas sim de uma posição editorial de apontar que o que acontece no Rio de Janeiro é guerra. Dessa forma, entende-se que é preciso estudar como a palavra foge a uma concepção monológica do mundo, sendo ela plurivalente e polissêmica.

Essa relação entre a mídia e o Estado é responsável pelo sentimento de patriotismo durante esses conflitos e também pela manutenção da imagem do governo e de suas ações que justificam uma guerra. Práticas

de agendamento da opinião pública, ou o *agenda-setting*<sup>12</sup> também são comuns não só em momentos de guerra, mas toda vez que determinado assunto está – ou por interesse de determinado veículo jornalístico ou do Estado pretende estar – em pauta.

O editorial de um jornal – seja ele impresso, digital ou televisivo – é responsável por traduzir a opinião desse veículo também em momentos de conflito. Para Marques de Melo (2003), o editorial não pretende apenas mobilizar a opinião pública, mas também defender os interesses corporativos e financeiros do veículo jornalístico e dialogar com o Estado para dizer “como gostariam de orientar os assuntos públicos”, alinhados a esses interesses. No caso do editorial divulgado pelo *Jornal Extra*, o interesse é se posicionar em relação ao “dossiê secreto do Estado” e à ação da polícia nas comunidades.

#### 4 “Guerra do Rio”: É GUERRA

O *Jornal Extra*, conforme retratado, trabalha em seu editorial o conceito de “guerra” de modo a fazer repercutir que a guerra do Rio de Janeiro encontra-se em um outro patamar de guerra. O diálogo realizado entre a capa do jornal impresso e a publicação do site do jornal, que contém o mesmo texto e um vídeo, tratados aqui como enunciado verbovocovisual, produz sentidos, ainda, quando o *Jornal Extra* enuncia com destaque “dossiê secreto do Estado revela Rio já perdeu 843 áreas para o crime” – “Isso não é normal”, entremeado pela ilustração escrita “é guerra” em letras garrafais, com a tipografia riscada, igual ao designer gráfico do enunciado “É GUERRA” que aparece no vídeo, já mencionado anteriormente:

---

<sup>12</sup> Essa é uma hipótese formulada por McCombs e Shaw (2000), que afirmam que a mídia pauta o que é dito pela opinião pública seguindo práticas específicas para selecionar os temas que serão discutidos pela sociedade em determinado momento, através da escolha e enquadramento de notícias sistematicamente divulgadas.

FIGURA 1 – Imagem da capa do *Jornal Extra* disponível no *Acervo Extra*<sup>13</sup>

A escolha da diagramação da capa cria ambiguidade, pois pode-se entender que o dossiê secreto é responsável pela revelação, por parte do Estado, de uma guerra não institucionalizada. O *Extra*, ao escolher o nome da editoria como “Guerra do Rio”, também trabalha com essa mesma pluralidade de sentidos. O uso da preposição “do”, por exemplo, pode indicar origem ou lugar (guerra localizada no Rio de Janeiro); ou pode ser usada para qualificar o substantivo “guerra”, indicando um tipo de “guerra” que é característico do Rio de Janeiro. Os dois

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://acervo.extra.globo.com/resultados/?a=Dossi%C3%AA+secreto&pg=4&o=relevance>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

sentidos são possíveis ao verificar a voz autoral presente no enunciado verbovocovisual que constrói o todo arquitetônico “Guerra do Rio”, situando culturalmente, socialmente e historicamente, o projeto de dizer jornalístico, midiático e sensacionalista do Jornal Extra na construção de uma editoria “de guerra”.

O título “Isso não é normal”, por exemplo, que aparece também nas três materialidades que formam o enunciado “Guerra do Rio”, resume as ideias que o *Jornal Extra* coloca no texto em relação à violência. Ele traça um paralelo entre o que seria a violência fora do comum e outra, dentro do padrão de normalidade. Esse padrão seria definido, segundo o *Extra*, pela “normalidade civilizatória” e seria visto apenas na cidade do Rio de Janeiro: guerra seria exclusividade do Rio. Outros crimes, noticiados pelo jornal, como “homicídios, latrocínios, crimes sexuais” acontecem “em qualquer metrópole do mundo”. Outra oposição aparece também quando é mencionada uma “barbárie”. Por essa razão, o jornal define porque essa “guerra” ou “barbárie” merece destaque de crimes considerados “normais”:

Um feto baleado na barriga da mãe não é só um caso de polícia. É sintoma de que algo muito grave ocorre na sociedade. A utilização de fuzis num assalto a uma farmácia não pode ser registrada como uma ocorrência banal. A morte de uma criança dentro da escola ou a execução de um policial são notícias que não cabem mais nas páginas que tratam de crimes do dia a dia.

Essa mudança comentada pelo jornal é caracterizada como uma tomada de posição do veículo e também direcionada pelos jornalistas envolvidos com o tema. No começo, “nossos jornalistas evitavam: guerra do Rio”, o que, com a mudança, passa a ser encarado de outra forma: “Não se trata de uma simples mudança na forma de escrever, mas, principalmente, no jeito de olhar, interpretar e contar o que está acontecendo ao nosso redor”. O jornalista, segundo essa concepção, é responsável pelo olhar e interpretação da realidade representada no jornal. Mais adiante, no terceiro parágrafo do texto, esse posicionamento é coletivizado pelo uso do pronome na primeira pessoa do plural “nosso olhar jornalístico”. Mais uma vez, observa-se o apelo à ética jornalística definida pela voz autoral do editorial do *Jornal Extra*.

O jornal também faz uso de algumas palavras que dão o tom alarmante à notícia de uma editoria de guerra que apelam às emoções do leitor: “berrar”, “esperança”, “paciência”. O uso dessas palavras e de

pronomes na primeira pessoa do plural cria uma aproximação do editorial “Guerra do Rio” ao leitor do *Extra*. Ao se posicionar como um veículo que defende “a guerra baseada na inteligência no combate à corrupção policial, e que tenha como alvo não a população civil, mas o poder econômico das máfias e de todas as suas articulações”, o *Jornal Extra* posiciona-se favorável a uma guerra com estratégias que protejam a população civil, no entanto, sabe-se que em eventos de guerra a população civil não é poupada. Definir a violência da guerra focada no inimigo e a população civil protegida de balas perdidas, de bombas, do acesso ao consumo de drogas etc., soa a princípio como ingenuidade do editorial que não é aleatória, pois há, sobretudo, um diálogo instaurado com o leitor quando o jornal apresenta o editorial “Guerra do Rio” de posicionar-se a favor da vida da população, da vida do seu leitor consumidor. A partir do momento em que há um editorial próprio para os crimes “de guerra” assim definidos pelo *Jornal Extra* e destacados do editorial “Casos de Polícia”, o jornal lucra com a guerra que noticia, bem como com a sua espetacularização.

Outros sentidos para guerra apresentam-se no enunciado verbovocovisual de “Guerra do Rio” quando o editorial afirma que “guerra pressupõe vitórias, derrotas, avanços, recuos, acertos e erros”, adotando uma posição conformista com os eventos que envolvem essa “guerra”, em especial: “sabemos que não há solução fácil nem mágica para o problema”. Os esforços do jornal em noticiar a violência e nomeá-la para definir o que seria um padrão de normalidade se encerram no editorial com um certo grau de distanciamento da sua responsabilidade de: i) enunciar sobre uma guerra em curso; ii) destacar um “dossiê secreto do estado” quando afirma que o próprio estado não “reconhece a guerra” (elemento de contradição, mas também de crítica ao Estado); ii) afirmar ter “esperança” de perder “o título de ser o único diário do planeta a ter uma editoria de guerra” (soa como autopromoção às avessas: ao mesmo tempo em que o jornal afirma ser o único diário do planeta a ter uma editoria de guerra, vê a existência dessa editoria – que ele mesmo criou – com tristeza).

Ao afirmar que “o Estado não tem controle do território”, o enunciado verbovocovisual “Guerra do Rio” fundamenta-se em um documento institucional, do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro intitulado “Letalidade violenta e controle ilegal do território no Rio de Janeiro” (GONÇALVES, 2017), que traz os dados relatados por Rafael Soares no vídeo. O repórter demonstra surpresa ao tomar conhecimento dos dados apontados no documento, sendo, sobretudo

esse documento o objeto que se configura o “dossiê secreto do estado” mencionado. Outra contradição se instaura entre um estudo do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro encontrar-se publicado nos Cadernos de Segurança Pública desde julho de 2017, com acesso público pela internet, e a denominação de “dossiê secreto do estado” em agosto de 2017 com a chamada para a reportagem “documento que está sob sigilo até 2021” pelo *Jornal Extra*. Cria-se, sobretudo, uma atmosfera de intrigas envolvendo o governo e a sociedade envoltas em mistério em uma tentativa de ser inaugural ao falar sobre um “dossiê secreto do estado”, onde o estado “revela é guerra” na capa do *Jornal Extra*. Assim, mais uma contradição pode ser apontada: o estado revela que é guerra nesse “dossiê secreto” ao mesmo tempo em que não reconhece a guerra na voz do *Jornal Extra*.

De acordo com Rafael Soares, o repórter do *Jornal Extra* responsável por trazer aos leitores do jornal os dados do artigo “Letalidade violenta e controle ilegal do território no Rio de Janeiro”, de autoria do geógrafo e pesquisador do Instituto de Segurança Pública, Luciano de Lima Gonçalves, o controle pelo crime nos territórios dominado pelo tráfico, concomitantemente com a presença das Unidades de Polícia Pacificadora, é “assustador”, uma vez que demonstra a perda do controle pelo Estado. O enunciado “Guerra do Rio” constitui-se de linguagem sensacionalista e de recursos sonoros e visuais – imagem computadorizada dos mapas das comunidades que aparecem juntamente com a voz do repórter citando os nomes das comunidades, que também aparecem grafadas na tela com o som de tiro e de helicóptero em sobrevoo, além da suíte para violoncelo N<sup>o</sup>2 em ré menor de Bach – para aumentar a carga dramática e apelo emocional ao público, que se comove com o enquadramento humanista utilizado.

O *Jornal Extra*, portanto, utiliza vários recursos (verbais, visuais, sonoros) para estabelecer o conceito de “guerra” que encontra espaço de existência enquanto evento situado socialmente na e pela voz do *Jornal Extra* em suas notícias a partir do momento em que denuncia do lugar de denunciante de uma guerra em curso. Ao contrapor que “uma coisa é polícia, outra coisa é guerra”, o diretor de redação do jornal separa casos policiais “de rotina” dos casos de guerra definidos pelo texto do editorial como “fora da normalidade”. No entanto, mesmo assim, na estrutura do site do *Jornal Extra* verifica-se que a editoria “Guerra do Rio” se encontra dentro da editoria “Casos Policiais” trazendo à tona mais uma

contradição, dentre as diversas aqui citadas, revelada pelo posicionamento do jornal antes e depois do editorial divulgado.

O *Jornal Extra*, como explica no texto do editorial, já possuía o costume de noticiar crimes diversos, através da sua editoria “Casos Policiais”. Apesar disso, o enquadramento dado a essas notícias era de “normalidade civilizatória”, considerando a divulgação dessas notícias como algo comum da rotina jornalística e também da rotina da cidade do Rio de Janeiro. Com a divulgação do editorial e a escolha do uso da palavra “guerra” pelo jornal, os crimes que eram divulgados são banalizados em nome de uma essência sensacionalista e de furos de reportagem que fazem parte do conteúdo temático do jornal. Assim, observa-se através do diálogo entre os enunciados verbovocovisuais analisados que o signo ideológico “guerra” explicita as contradições do posicionamento do jornal em relação à realidade que ele divulga.

## 5 Considerações finais

Peter Pál Pelbart, em seu texto *Estamos em Guerra*, discute os sentidos de uma guerra política, que é “total, embora camuflada” (PELBART, 2017, p.4), uma guerra que atinge diversos grupos sociais, mas que é invisível aos olhos da mídia, que trata essa realidade como se fosse “a mais estrita e pacífica normalidade institucional, social, jurídica, econômica.” (PELBART, 2017, p. 5). A estratégia desse silêncio e normalização observados pelo autor também torna possível a inversão de sentidos e “uma corrosão da linguagem” (PELBART, 2017, p. 5), “em que guerra e paz se tornam sinônimos, assim como exceção e normalidade, golpe e governabilidade, neoliberalismo e guerra civil” (PELBART, 2017, p. 5). Nessa mesma guerra a que se refere Pelbart, a mídia e, no caso desse artigo, o *Jornal Extra*, são responsáveis por fazerem uso da linguagem de modo a mobilizar a opinião pública a respeito da violência e ocupação de territórios pelo crime. Ao mesmo tempo, também define o que deve ou não ser divulgado, o que é “guerra”, que são “casos de polícia”, como são nomeadas as editorias do jornal.

A palavra, ou o signo ideológico, funciona nessa dinâmica em que a linguagem é usada ora para anunciar guerras, ora para definir padrões de normalidade e violência. Assim, entende-se pela análise que os sentidos de “guerra” evocados pelo *Jornal Extra* têm como função orientar a opinião pública a respeito da violência e criminalidade no Rio de Janeiro.

Ao divulgar o nome da editoria de “Guerra do Rio” e relacionar com os territórios ocupados pelo crime, o jornal define essa mesma “guerra” com diferentes estratégias: o territorialismo, a truculência policial, a ação das máfias. Essas contradições põem em cheque o posicionamento do jornal, ora ligado ao Estado e sua presença nas comunidades através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), ora fazendo críticas à ação “corrupta” e “truculenta” da polícia. A palavra “guerra” surge nesse contexto, portanto, como demonstrativo do posicionamento do jornal frente à realidade posta: para o jornal, essa mesma realidade se transforma em mercadorias à venda em forma de notícias de guerra.

O *Jornal Extra*, ao definir o que seria “guerra” e violência “fora da normalidade civilizatória”, não só se posiciona a respeito de um tipo determinado de crime, mas também banaliza os crimes que eram tratados até o momento pelo jornal em sua editoria “Casos de Polícia”. A editoria “Guerra no Rio”, por sua vez, é constituída por crimes noticiados que fazem parte de um agendamento feito pelo jornal, ou seja, pertencem a um padrão espetaculoso que caracteriza o *Extra* como jornal popular. A violência, os casos policiais, os crimes advindos ou não do tráfico de drogas, são parte de uma realidade social que dá sentido à existência de editorias afins no jornalismo sensacionalista.

Dessa maneira, no enunciado verbovocovisual estudado, os sentidos da palavra “guerra” mostram o posicionamento ideológico do *Jornal Extra* e sua relação com a população civil, assim como aponta o projeto de dizer do jornal. O discurso apresentado pelo jornal anuncia a guerra atrelada a políticas de combate ao silêncio do estado e à ação da polícia, ao mesmo tempo observa-se que os sentidos construídos através do todo arquitetônico do enunciado exaltam a voz do jornal e do jornalismo em relação a uma tomada de posição sobre a realidade, caracterizada, sobretudo, pelo tom de denúncia. Nesse sentido, o jornal apresenta uma estratégia para promover sua própria visão do que é cotidiano em uma cidade como o Rio de Janeiro.

Ressalta-se que através do enunciado verbovocovisual “Guerra no Rio” a construção dos sentidos de guerra emerge da negação de outros significados da palavra e através da afirmação do seu novo uso como nome da editoria, para tipificar os casos de violência que o veículo irá noticiar a partir daquele momento como “crimes de guerra”. Para Volóchinov (2017, p. 224), “a língua é um processo ininterrupto de formação por meio da interação sociodiscursiva dos falantes”, assim, é

o uso da palavra em determinado contexto social que irá determinar seu sentido. No caso da palavra guerra, por exemplo, o jornal tenta construir novos sentidos apoiando-se em diversos elementos constituintes do enunciado verbovocovisual como: a entonação de voz dos jornalistas de tristeza e de denúncia; o uso da peça “Sarabande” da suíte para violoncelo N°2 em ré menor de Bach; a imagem das comunidades focadas no estudo realizado pela secretaria de segurança do Rio de Janeiro como espaços exclusivos de violência e de guerra dominadas pelo tráfico e ignoradas pelo estado; a voz do jornal centrada como voz da verdade sobre a realidade social, acima do estado por denunciar a omissão dos governantes; a forma de grafar É GUERRA na capa e na contradição entre denunciar um dossiê secreto do estado que encontra-se publicado em domínio público na internet; entre outros elementos, caracterizam todos a voz sensacionalista do *Jornal Extra*.

A significação, portanto, se encontra no movimento feito pelo uso cultural da palavra guerra e do direcionamento sensacionalista dado pelo jornal ao usá-la. Dessa forma, a palavra não é parte de um sistema de sentidos cristalizados, mas do uso social e histórico que é feito dela. É por essa razão que a palavra guerra apresenta-se como signo ideológico, pois “[o signo ideológico] não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Logo, por meio da análise do enunciado verbovocovisual “Guerra no Rio”, pode-se compreender que os sentidos evocados com o uso da palavra *guerra* pelo jornal revelam, em uma macro instância, que crimes vendem jornais e crimes de guerra podem vender mais jornais. Esse trabalho busca evidenciar, então, como a guerra enunciada pelo jornal é também uma tomada de posição com diversos sentidos, dentre os quais se encontra a guerra enquanto produto a ser comercializado.

### **Agradecimentos**

A primeira autora agradece ao professor Ms. Thiago de Souza Ferreira, professor de instrumento (bateria e percussão) no Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli (Uberlândia-MG) pelo imprescindível diálogo sobre Johann Sebastian Bach e sua suíte. A segunda autora agradece à CAPES pela concessão de bolsa de estudos para cursar o Mestrado em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (Processo 1710949).

## Contribuição dos Autores

Giovanna dos Santos Diniz foi responsável pela ideia do tema e do corpus de análise, bem como das leituras teóricas do jornalismo e da comunicação e parte da análise. Grenissa Bonvino Stafuzza, por sua vez, foi responsável pela fundamentação teórica advinda do Círculo de Bakhtin, descrição e análise do corpus com vistas ao estudo do enunciado verbovocovisual “Guerra do Rio”.

## Referências

ALDÉ, A. A mídia e a Guerra do Iraque. *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976.

BAKHTIN, M. M. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. 7. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. M. [1979]. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BIRMAN, P. Favela é comunidade? In: SILVA, L. A. M. da (Org). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008. p. 99-114.

ISSO NÃO é normal. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 16 ago. 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/guerra-do-rio/isso-nao-normal-21711104.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

JOYCE, J. *Finnegans Wake*. London: Faber and Faber, 1975.

GONÇALVES, Luciano de Lima. Letalidade violenta e controle ilegal do território no Rio de Janeiro. *Cadernos de Segurança Pública*, Instituto de Segurança Pública, Rio de Janeiro, Ano 9, n. 8, jul. 2017. Disponível em: <<http://www.isprevista.rj.gov.br/download/Rev20170804.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. revista e ampliada. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

McCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. [1972]. A função do agendamento dos *media*. In: TRAQUINA, N. (Org.). *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000. p. 47-61.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina Américo e Sheila Camargo Grillo, São Paulo: Contexto, 2012.

PELBART, P. P. *Estamos em guerra*. São Paulo: N-1 Edições, 2017. (Série de Cordéis Políticos *Pandemia*)

PIGNATARI, D. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

PREVEDELLO, C. *Representações no jornalismo popular: a cidadania no discurso do Extra (RJ)*. 2008. 160f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

REZENDE, Maria Paula. *Mídia e Terrorismo: uma análise acerca do papel da mídia no pós-11 de setembro*. 2013. Disponível em: <<https://pueminasconjuntura.wordpress.com/2013/11/11/midia-e-terrorismo-uma-analise-acerca-do-papel-da-midia-no-pos-11-de-setembro>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Linguagem e ação: a contribuição bakhtiniana em diálogo. In: FERNANDES JÚNIOR, A.; STAFUZZA, G. B. (Org.). *Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo*. Campinas: Mercado de Letras, 2017. (Série Estudos da Linguagem, p. 219-254)

VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.